



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

IGOR MATHEUS SANTOS BELMIRO

**SIMBOLOGIA, MELANCOLIA E LOUCURA EM “O CORVO”, DE EDGAR ALLAN
POE**

**CAMPINA GRANDE
2021**

IGOR MATHEUS SANTOS BELMIRO

**SIMBOLOGIA, MELANCOLIA E LOUCURA EM “O CORVO”, DE EDGAR ALLAN
POE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras – Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Thiago Almeida

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B451s Belmiro, Igor Matheus Santos.
Simbologia, melancolia e loucura em "O corvo", de Edgar Allan Poe [manuscrito] / Igor Matheus Santos Belmiro. - 2021.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Simbologia. 2. Melancolia. 3. Loucura. 4. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

IGOR MATHEUS SANTOS BELMIRO

SIMBOLOGIA, MELANCOLIA E LOUCURA EM “O CORVO”, DE EDGAR ALLAN
POE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduado em Letras – Língua
Inglêsa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em 21 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 10,0

Lorena Bandeira Melo de Sá

Prof.ª Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá
UniNassau / UFPE

NOTA: 10,0

Giovane Alves de Souza

Prof. Me. Giovane Alves de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 10,0

MÉDIA FINAL: 10,0

“Mais sensato é aquele que aceita sua própria loucura.” – Edgar Allan Poe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2.1 DIFERENTES PERSPECTIVAS ACERCA DA LOUCURA	8
2.2 LITERATURA E A RELAÇÃO COM A PSICANÁLISE	10
2.3 ROMANTISMO	11
2.3.1 <i>Romantismo Sombrio</i>	11
2.4 O ESTILO GÓTICO NA LITERATURA DE ALLAN POE	12
2.5 UMA NOÇÃO DE SIMBOLISMO	13
2.6 VISÃO PSICOLINGUÍSTICA DO POEMA	15
2.7 A MORTE E MELANCOLIA NA OBRA	16
3 METODOLOGIA	17
4 ANÁLISES E DISCUSSÕES	18
4.1 O QUARTO E A SOLIDÃO DO HOMEM EM LUTO	18
4.2 SIMBOLOGIA PRESENTE EM O CORVO E O HOMEM LOUCO	20
4.3 MORTE E LOUCURA	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERENCIAS.....	27

SIMBOLOGIA, MELANCOLIA E LOUCURA EM “O CORVO”, DE EDGAR ALLAN POE

SIMBOLOGY, MELANCHOLY AND MADNESS IN “THE RAVEN”, BY EDGAR ALLAN POE

BELMIRO, Igor Matheus Santos¹

RESUMO

A morte, a loucura e a melancolia são temas bastante sombrios e complexos de serem debatidos. Edgar Allan Poe (1845) relacionou com maestria essas três temáticas em sua obra mais famosa conhecida como “O Corvo”. O presente trabalho, através de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, analisará os símbolos apresentados na obra do poeta. Assim como buscará adentrar na psique do narrador e, através de uma ótica de interpretação psicolinguística, entender gradativamente como ele sucumbiu à loucura. Para isso, também será debatido sobre como o uso de elementos oriundos do movimento romântico e do estilo gótico deram ao poema o tom desejado pelo autor. Logo, essas análises e interpretações serão possíveis de se realizar a partir dos estudos de Lima (2011), Bock (2001) e Frayze & Pereira (2008) sobre definição de loucura. A relação entre literatura e psicanálise defendido por Lima (2011) e Simões (2017). O romantismo e o romântico sombrio trabalhado por Chorfi *et al.* (2018), este que também será usado como base para a compreensão do estilo gótico, junto com Ghada (2011), sobre simbolismo, unido de Rahman (2015) e a união entre Rahman & Melhim (2013) sobre essa teoria e a teoria psicolinguística. A ideia de morte e melancolia tal como é apontada por Chorfi *et al.* (2018) e Swarnakar (2007). Finalmente, é possível entender que o descontrole emocional do personagem e os sentidos sobrenaturais e representativos que ele deu ao pássaro que não falava nada mais além de uma frase foram a causa da ruína do narrador. O uso dos símbolos e de elementos góticos na obra sugerem que a melancolia vivenciada pelo estudante, seu estado emocional e a dificuldade em encarar a realidade fizeram com que gradativamente ele fosse perdendo sua racionalidade, tornando-se louco.

Palavras-chave: O Corvo. Símbolos. Melancolia. Loucura.

ABSTRACT

Death, madness and melancholy are quite dark and complex topics to be debated. Edgar Allan Poe (1845) masterfully related these three themes in his most famous work known as The Raven. The present work, through a bibliographic and qualitative research, will analyze the symbols presented in the work of the poet. As well as seeking to enter the psych of the narrator and through a perspective of psycholinguistic interpretation, gradually understand how he succumbed to madness. To this end, it will also be debated on how the use of elements from the romantic movement and the Gothic style gave to the poem the tone desired by the author. Therefore, these analysis and interpretations will be possible based on the studies by Lima (2011), Bock (2001) and Frayze & Pereira (2008) on the definition of madness. The relationship between

¹ Aluno da graduação de Letras – Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I*.
E-mail: igorbelmiro34@gmail.com

literature and psychoanalysis defended by Lima (2011) and Simões (2017). The romanticism and the dark romantism worked by Chorfi *et al.* (2018), which will also be used as a basis for understanding the Gothic style, along with Ghada (2011), on symbolism, united by Rahman (2015) and the union between Rahman & Melhim (2013) about this theory and the theory of the psycholinguistics. The idea of death and melancholy pointed out by Chorfi *et al.* (2018) and Swarnakar (2007). Finally, it is possible to understand that the emotional lack of control of the character and the supernatural and representative senses that he gave to the bird that spoke nothing more than a sentence were the cause of his ruin. The use of symbols and gothic elements in the work suggests that the melancholy experienced by the student, his emotional state and the difficulty in facing reality made him gradually lose his rationality, becoming crazy.

Key-Words: The Raven. Symbols. Melancholy. Madness.

1 INTRODUÇÃO

“O Corvo” é um poema do escritor, poeta e crítico literário Edgar Allan Poe. Publicado pela primeira vez em 29 de janeiro de 1845, o poema fez bastante sucesso, embora o escritor não tenha tido um retorno financeiro adequado pela obra. Contudo, no mesmo ano, o poema ganhou uma edição em formato de livro e as traduções ao redor do globo começaram a se intensificar à medida que os anos foram se passando.

Poetas como Charles Baudelaire e Stéphane Mallarmé traduziram o poema para o francês, enquanto a tradução para o português ficou sob responsabilidade de Machado de Assis e Fernando Pessoa. O poema foi o maior sucesso de Poe enquanto ainda vivo, recebendo ilustrações pelo pintor e artista gráfico Édouard Manet. Nos anos seguintes, a obra passou a receber várias adaptações cinematográficas.

The Raven (O Corvo) é um poema longo, composto por mais de mil palavras. As dezoito estrofes da obra são compostas por 108 versos, com uma métrica geral de octâmetro trocaico (oito pés trocaicos por linha e cada pé com uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona). Para obter uma musicalidade, as rimas do poema são em ABCBBB, AA,B,CC,CB,B,B.

A obra narra a história de um jovem estudante que perdeu sua amada. O estudante recebe uma visita de um pássaro em uma noite de dezembro. Contudo, há uma singularidade neste pássaro e sua importância para o estudante. Ao conversar com a ave, o narrador se depara com uma única e misteriosa resposta do pássaro do ébano, que é “nunca mais”. A partir disso, o jovem entra em um conflito psicológico e vai gradativamente enlouquecendo.

Aplicando uma ótica psicolinguística no poema, é possível que o leitor consiga explorar cada vez mais o poema, adentrando na psique do narrador e é possível até mesmo realizar uma relação entre o autor e sua obra, conforme dito por Rahman (2015). Assim, surgindo novas possibilidades de interpretação.

Morte, loucura e melancolia são temáticas presentes nesse poema, o uso de símbolos por parte de Poe dá ao poema novas possibilidades de interpretação. O estudo a ser realizado neste trabalho lida com as interpretações e compreensão sobre os símbolos presentes no poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, e como estes estão relacionados com as temáticas supracitadas.

Busca-se também realizar uma análise dos elementos góticos e do movimento conhecido como romantismo sombrio inseridos na obra. Além de explorar como esses elementos somados com desequilíbrios psicológico do estudante e o luto por Lenore acabaram levando o narrador à loucura.

Utilizaremos os estudos de Lima (2011), Bock (2001) e Frayze & Pereira (2008) sobre diferentes concepções sobre como a loucura é definida pela psicologia / filosofia e como ela age no indivíduo que a possui. Posteriormente, será proposta uma relação entre literatura e psicanálise, trabalhando com as contribuições de Lima (2011) e Simões (2017). A seguir, uma explicitação do movimento romântico e sua subcategoria conhecida como romantismo sombrio será realizada a partir do trabalho feito por Chorfi *et al.* (2018). Assim como uma explicitação sobre o estilo gótico, proposto por Chorfi *et al.* (2018) e Ghada (2011), uma noção de simbolismo proposto por Rahman (2015), Chorfi *et al.* (2018) novamente e Rahman & Melhin (20123), esses últimos autores também servirão como base para uma visão psicolinguística do

poema. Finalizando as teorias do trabalho, teremos Chorfi *et al.* (2018) e Swarnakar (2007) sobre morte e melancolia.

A seguir, será realizado uma exploração na ambientação do poema e como ela alinhada com o luto, influencia psicologicamente o narrador. Posteriormente faremos uma apresentação dos símbolos presentes na obra, ampliando a visão do poema sobre o narrador que se tornou louco e, por fim, será feita uma discussão sobre a morte e a loucura na obra, sobre como a morte de Lenore impactou o estado psicológico do estudante.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Propomos, nesta sessão, discorrer sobre as teorias que serão usadas para embasar a problemática desde trabalho. Dito isso, através da fundamentação a ser apresentada, temos o intuito de melhor fundamentar a discussão que será realizada no tópico de análises e discussões.

2.1 Diferentes perspectivas acerca da loucura

Neste tópico, apresentaremos diferentes teóricos e suas concepções sobre como a loucura é definida pela psicologia / filosofia e como ela age no indivíduo que a possui. Contudo, definir o que é loucura é extremamente complexo, visto que o próprio conceito de normalidade se modifica à medida que novos estudos são feitos na área da psiquiatria e psicanálise sobre o comportamento, mente humana e como eles operam.

Foucault, em sua obra *História da loucura na Idade Clássica* (2008), retrata as diferentes conotações que a loucura e o homem louco tiveram através dos tempos. Logo, o conceito de comportamento normal ou padrão varia de acordo com a época, corroborando com a ideia de dificuldade em determinar um comportamento padrão. Bom base nisso, Petry (2011 *apud* LIMA, 2011, p. 10) declara que:

Aristóteles afirmava que uma pessoa normal é aquela que responde às situações com emoções apropriadas. Sigmund Freud, o criador da psicanálise, considerava o “ego normal” uma “ficção ideal”. De Aristóteles a Freud, as teorias apresentam um ponto comum: cada etapa da história tem suas próprias ideias sobre a normalidade mental. Em outras palavras, cada era define o que é e o que não é normal [...] (PETRY, 2011, p. 162 *apud* LIMA, 2011, p. 10).

Feita esta afirmação, é possível compreender que a interpretação de qualquer traço comportamental ou mental fora do padrão pode variar e ser feito de diversas formas.

Lima (2011) apresenta em seu trabalho, duas figuras importantes no que concerne a comportamento humano, que são: o psiquiatra, neurologista e fundador da psicanálise Sigmund Freud (1856 – 1939) e o psicanalista francês Jacques Lacan (1901 – 1981). Lima (2011) defende que Freud, como criador da psicanálise, transmite a ideia de que a anormalidade já existe no indivíduo, mas que pode variar de acordo

com o grau apresentado e seu desenvolvimento se dá na infância, sendo algum trauma responsável pelo desencadeamento desses comportamentos anormais.

Se detendo a Lacan, Lima (2011) retrata que o psicanalista fez uma revinda às análises feitas por Freud, constatando que a loucura é um resultado da relação de um sujeito com o seu semelhante, influenciando entre si seus comportamentos. Leite (2008 *apud* Lima, 2011) apresenta o pensamento lacaniano da seguinte forma:

Assim, para Lacan (como para os gregos), a loucura e todo o conhecimento humano também teria sua origem no que é exterior ao sujeito, porém no caso da visão que Lacan tinha dela, à diferença dos gregos, este exterior não seria constituído pela vontade dos deuses, mas seria o que é exterior ao conhecimento que o sujeito tem de si mesmo, numa referência ao inconsciente (LEITE, 2008, p. 4 *apud* LIMA, 2011, p. 11).

No que foi mostrado até o presente momento deste trabalho, podemos interpretar que os estudos envolvendo a loucura são complexos e amplos. A incerteza no que concerne uma definição dessa patologia está ligada, também, à diversidade teórica que se desdobra nesse assunto. Apresentaremos agora, os estudos de Bock (2001) nos relatando alguns sintomas dessa patologia, segundo a autora:

O indivíduo apresenta um sintoma ou vários: ele vê o diabo; tem um medo intenso de sair de casa ou de ir da sala para o banheiro sozinho; não consegue dormir à noite; não articula com lógica um raciocínio sobre determinado assunto; tem intermináveis monólogos com figuras ou objetos imaginários, utilizando frases desconexas; ouve vozes que o aconselham e o apavoram; ora está extremamente eufórico e, no momento seguinte, fica muito deprimido e se recusa ao contato com os outros. Esses sintomas podem ser agrupados de diferentes formas, sendo identificados em quadros clínicos que recebem um nome, por exemplo, neurose, anorexia, distúrbio obsessivo compulsivo, psicose, síndrome do pânico, psicastenia etc. (BOCK, 2001, p. 348).

Feito esse levantamento de diversos sintomas explanados pela pesquisadora, podemos compreender o quão complexo se torna definir essa patologia. Assim, podemos dizer que o louco nunca foi explicado de uma maneira absoluta, a menos que nessa explicação fosse feita uma única perspectiva teórica sobre o assunto.

Não obstante, a visão de mundo sobre a loucura pode ser vista de maneira dupla, onde é possível encontrar duas visões conceptuais sobre essa patologia (Frayze; Pereira, 2008, p. 9). Na primeira visão no que concerna a loucura, o indivíduo que a pessoa vista como sábia, estando a loucura relacionada a sabedoria; a segunda visão é da loucura como uma falha. Estando, essas visões, outras teorias que são: Um (i) A perda da consciência do próprio "eu". Chegando nesse estado à medida que vai perdendo a consciência de sua existência, do seu lugar no mundo e de sua essência e da realidade do mundo e; (ii) um estado gradativo de "fuga da realidade", passando de uma realidade objetiva para uma subjetiva, isso devido a "insatisfação do indivíduo com o mundo normal e todas as problemáticas que há nele (FRAYZE; PEREIRA, 2008, p. 9-10).

Podemos observar que as teorias nos transmitem a ideia de funcionalidade encontrado no sujeito louco e o grupo no qual ele se encontra. O autor ainda afirma que a loucura pode ser entendida como uma simbologia para as rejeições de alguns valores. Ele retrata que a loucura é uma experiência que afirma a: subjetividade, imaginação e a fantasia. Passaremos, a seguir, a discorrer sobre a relação entre literatura e psicanálise

2.2 Literatura e a relação com a psicanálise

Neste tópico, tentaremos associar a literatura à psicanálise, visto que a literatura preexiste a ela, por limites de trabalho, não nos deteremos sobre como a psicanálise foi fundada, nos centraremos sobre a relação que ela tem com a literatura.

O texto literário pode ser considerado um reflexo da época em que foi feito, pois retrata um contexto sociocultural. Ele explorando e desenvolvendo os desejos e anseios dos personagens, possibilitando que o leitor faça uma relação dele para com a persona que acabara de ler e, através disso, acabe criando uma identificação com o personagem. Essa identificação ou aproximação entre o leitor e o personagem pode ser realizada pelo autor através de algumas maneiras, como: visão que o personagem tem sobre o mundo, seu comportamento e até mesmo estado emocional (LIMA, 2011, p. 11).

Na psicanálise, o bem mais precioso e o melhor recurso que possibilita o acesso ao inconsciente é justamente a palavra. Palavra que, foi trabalhada por Sigmund Freud e Joseph Breuer em *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), marcando o surgimento da psicanálise. O interessante dessa área para este trabalho é justamente o que linguagem tenta abranger, o que não é dito (SIMÕES, 2017, p. 163).

Através da tragédia do dramaturgo Sófocles que Freud redigiu o “complexo de Édipo”, fora outros escritores que o psicanalista usou para embasar seus estudos. O pesquisador notou a relação da identificação presente nessas obras e como elas podem explicar emoções genuínas presentes na vida real (Lima, 2011, p. 11). A relação entre psicanálise e literatura é defendida por Beckel (2004) da seguinte forma:

Da literatura a psicanálise toma referências, exemplos extrai características que traçam o perfil de um autor, e por meio dela enriquece a própria teoria. Igualmente, a psicanálise oferece aos literatos a oportunidade de utilizar novas metáforas, de aprofundar o processo de criação, de libertação do inconsciente (BECKEL, 2004, p. 2 *apud* LIMA, 2011 p. 12).

Lima (2011) aponta que a análise interpretativa realizada através da psicanálise, busca, através da palavra, extrair o máximo de informações necessárias vindas uma obra literária, com o intuito de evitar entendimentos frustrantes por parte do leitor, levando em consideração a complexidade e simbologia das obras. Feita esta afirmativa, podemos cogitar que é possível obter diversas interpretações sobre um texto literário. Sendo uma técnica bastante usada para estudar a mente dos personagens, a ajuda da psicanálise na literatura serve justamente para tentar polir as interpretações errôneas ou frustrantes oriundas do leitor, visto que existem várias obras complexas e de incomparáveis simbologias (LIMA, 2011, p. 11).

Explicitados os pontos pertinentes sobre a relação entre literatura e psicanálise, apresentaremos no próximo tópico uma revisão sobre o movimento conhecido como romantismo, em seguida discorreremos sobre o intitulado romantismo sombrio. Entender esses movimentos, mesmo que brevemente, torna-se fundamental para a compreensão do poema que neste trabalho será analisado. Usaremos como base de conhecimento sobre o romantismo e o romantismo sombrio, as contribuições

presentes no trabalho de Chorfi (2018) intitulado *Morte nos poemas O Corvo e Annabel Lee de Edgar Allan Poe: Uma abordagem psicanalítica*.²

2.3 Romantismo

Nesta seção, nos pautaremos sobre os conhecimentos de Chorfi *et al.* (2018) sobre o romantismo e o romantismo sombrio, contribuições obtidas no trabalho intitulado “Morte nos poemas O Corvo e Annabel Lee de Edgar Allan Poe: Uma abordagem psicanalítica”.

Segundo Chorfi *et al.* (2018), o romantismo teria se originado na Alemanha, sendo espalhado rapidamente pela França, Inglaterra dentre outros países. Iniciando na América cerca de vinte anos depois das Baladas Líricas, com uns poucos outros poemas³ de William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge; em 1820, o romantismo na América assim como na Europa, instaurava uma nova visão e perspectiva para os artistas e intelectuais, assim como novas ideias românticas focadas na arte como uma inspiração para o espiritual e o estético da natureza.

O desenvolvimento do individualismo e a autoconsciência nesse movimento também foram importantes. À medida que o eu foi se tornando importante, o domínio da psicologia também, criando e desenvolvendo novos efeitos e técnicas artísticas, desta maneira, evocando diferentes estados psicológicos intensos.

O sublime (um efeito de beleza que transmite alguns sentimentos como admiração, reverência e poder além da compreensão humana) no romantismo é expressado como apreciação pelo mundo natural, como na obra de William Wordsworth. Como se traduz em um sentimento tão forte, o sublime pode ter um teor mais sombrio e assustador, produzindo alguns horrores como: irracionalidade, melancolia e loucura. Esses lados menos agradáveis do romantismo deram origem ao subgênero conhecimento como romantismo sombrio e o estilo gótico (CHORFI, *et al.*, 2018, p. 8).

2.3.1 Romantismo Sombrio

Constituindo-se entre 1840 à 1860, o romantismo sombrio decorre de tendências pessimistas ao transcendentalismo e influências acumuladas vindas do movimento anterior, sendo uma reação às visões excessivamente otimistas dos escritores transcendentalistas. Isto devido a razão de que na filosofia do movimento transcendental, a crença era na essência espiritual do homem e sua capacidade de transcender o físico. O subgênero romantismo sombrio teve um grande impacto na literatura estadunidense porque permitiu explorar ideias, textos e temas mais obscuros, além de dos elementos ilógicos encontrados nesse gênero (CHORFI *et al.*, 2018, p. 8-9).

De acordo com Chorfi *et al.* (2018), os autores desse período se revoltaram com a forma clássica de escrita e expressão, mudando o pensamento anterior de algo

² Tradução nossa de: *Death in Edgar Allan Poe's poems The Raven and Annabel Lee: A psychoanalytical Approach*.

³ Tradução nossa de: *Lyrical Ballads, with a Few Other Poems*.

religioso ou puritano para um ponto de vista mais sombrio e pecaminoso. O pesquisador transmite em seu trabalho que devido a essa revolta, os escritores passaram a escrever contos de horror, terror e tragédias. Alguns exemplos de escritores trazidos pelo autor são: Herman Melville, Edgar Allan Poe, Emily Dickinson dentre outros.

Os escritores desse movimento buscavam escrever temáticas não apenas tenebrosas ou sombrias, mas que continham elementos mórbidos e grotescos. Eles:

[...] acreditavam que os seres humanos eram igualmente capazes de praticar o bem e o mal. Enquanto os românticos tentaram ignorar o comportamento maligno e sociopata do homem porque eles acreditavam que a vida real era muito triste em comparação com a imaginação. Portanto, os romancistas sombrios assumiram como dever lembrar o mundo das más ações do homem (CHORFI, *et al.*, 2008, p. 9).⁴

Chorfi *et al.* (2018) elenca algumas características desse subgênero, sendo: (i) mostrar os indivíduos propensos ao pecado e à autodestruição, não possuindo divindade ou sabedoria, (ii) com uma certa propensão para escolhas morais intoleráveis ou más, (iii) perplexidade constante sobre fenômenos inexplicáveis e amplamente metafísicos, (iv) um sentimento de culpa combinado com uma suspeita do mundo externo como uma projeção ilusória da mente e, (v) a incapacidade do homem debatido de compreender como pode fazer mudanças para melhorar.

O pesquisador relata que Edgar Allan Poe é considerado o mestre do romance gótico nos Estados Unidos. A escrita de Poe tinha como foco a tragédia, o macabro e o sobrenatural. Suas obras envolviam narradores insanos, lindas personagens, tortura física e mental, além de cenários estranhos propensos para eventos aterrorizantes, isto porque o poeta acredita que apenas em situações extremas que a natureza verdadeira de uma pessoa viria à tona (CHORFI *et al.*, 2008, p. 10).

Na próxima seção, será exposto de maneira resumida, os elementos góticos presentes na literatura, salientando que usaremos esses conceitos para destacar os elementos visíveis no poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe.

2.4 O estilo gótico na literatura de Allan Poe

Esse tópico será baseado nos estudos feitos por Ghada (2011) no que concerne o estilo gótico na literatura, é interessante destacar esse estilo pois ele está presente na maioria das obras de Edgar Allan Poe, em especial, a obra que aqui será analisada que é “O Corvo”.

Em seu trabalho, Ghada (2011) afirma que a termo “gótico” só veio a ser usado na literatura devido aos seus constantes encontros com os extremos emocionais e temas sombrios. A primeira obra considerada gótica foi *O Castelo de Otranto* (1765)⁵, de Horace Walpole. Os castelos assombrados, mansões e mosteiros geralmente são as ambientações mais focadas nesse estilo. Pois, através desses elementos é

⁴ Tradução nossa de: [...] *believed that human beings were equally capable of evil and good. While Romantics tried to ignore the evil and sociopathic behavior of man because they had the belief that real life was quite dreary in comparison to imagination. Therefore, the Dark Romantics took it as a duty to remind the world of the evil doings of man* (CHORFI, *et al.*, 2008, p. 9).

⁵ Tradução nossa de: *The Castle of Otranto*.

possível criar uma atmosfera de maior mistério. Nesses locais os heróis góticos geralmente estão sozinhos, num estado de medo e alienação, sendo obrigados a encontrar soluções para seus próprios problemas. Esse estilo tem como foco, nas narrativas, a ênfase das incorporações e suas possibilidades de sentir, bem como o medo da decadência (GHADA, 2011, p. 22).

Em adição, Chorfi *et al.* (2018) disserta que através dos cenários sombrios, regados de mistério e elementos sobrenaturais, cria-se no leitor um sentimento dramático de tristeza e suspense, além de dizer que o herói gótico se torna um arquétipo⁶ nesse estilo à medida que descobrimos que há um padrão na caracterização desse personagem. Sempre há um protagonista voluntariamente ou involuntariamente isolado, um vilão que sintetiza o mal, seja por sua própria desgraça ou algo que foi implícito a ele.

Ghada (2011) lista em sua pesquisa alguns fatores considerados góticos presentes no poema de Poe, sendo eles: *i*) cenário, *ii*) escuridão e silêncio, *iii*) solidão, *iv*) o mistério, *v*) o narrador não confiável e, *vi*) outros elementos góticos básicos. Nesse último ponto o autor expressa que há mais quatro características em que é possível categorizar um texto como gótico, sendo: uma tortura e uma vítima; o torturador sendo mal ou tendo poderes sobrenaturais; uma ambientação na qual a vítima não possa escapar e; falta de ar ou sensação de pânico. Dentre esses elementos, Chorfi *et al.* (2018) lista mais alguns como: *(i)* sombras ou uma iluminação fraca, *(ii)* clima e paisagens extremos, *(iii)* magia, manifestações ou sugestões ao sobrenatural.

Edgar Allan Poe é conhecido especialmente pelo uso do estilo gótico em suas obras, influenciado pelos romances góticos do século XVIII, usa com maestria esses elementos provocando diversas sensações de desconforto nos leitores, dentre elas, uma atmosfera de horror. Além disso, suas obras geralmente são vagas e misteriosas, regadas também de desesperança e surpresa, elas normalmente focam no psicológico do personagem principal. Alguns exemplos são as obras *Ligeia*, e *Hop-Frog*, em que a narrativa ocorre à noite, outra como *The Fall of the House of Usher*, em que a descrição da casa já causa uma inquietação no leitor (GHADA, 2011, p. 23).

Explicados alguns pontos referentes ao estilo gótico na literatura de Poe, passaremos no próximo tópico a nos deter sobre a simbologia presente na literatura, ressaltando a importância dessa para o entendimento do poema “O Corvo”.

2.5 Uma noção de simbolismo

Visionamos, neste tópico, nutrir uma noção do que pode ser entendido como simbolismo e a importância dessa ferramenta na literatura. Usaremos como base de

⁶ De acordo com Jung (2016), arquétipo pode ser entendido como como uma certa disposição inata ao ser humano de elaborar “(...) representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder sua configuração original” (JUNG, 2016, p.83). Assim, podemos entender arquétipo como como uma espécie de padrão de representação de ideias. Essa representação pode variar a forma, mas o padrão é o mesmo. Um exemplo disso é o arquétipo dos irmãos inimigos, encontrado na Bíblia, vemos as histórias de Caim e Abel e o mito da fundação de Roma, com Remo e Rômulo. Histórias diferentes, mas o padrão é o mesmo: irmãos que brigam entre si, culminando em um assassinando o outro.

construção os estudos feitos por Rahman (2015) e Rahman & Melhim (2013) no que concerne o simbolismo e seu significado em algumas obras de Poe.

Na literatura, alguns mecanismos são usados pelos escritores para criar um outro nível de significado, gerando mais interesse no público que está prestes a ler uma determinada obra. Dentre esta afirmativa, o simbolismo tem um papel essencial, é por meio dele que se cria uma espécie de nova camada na narrativa, indo além do que está evidente para o leitor. O simbolismo entrou no campo das artes e se tornou vital para grande parte das obras literárias. Porém, esse recurso também pode ser feito através de representações simbólicas sutis, sem deixar o símbolo propriamente explícito (RAHMAN, 2015, p. 11).

De acordo com Rahman (2015), da palavra símbolo (em grego, *symbollein*) veio o conceito de simbolismo. Conceito esse que expressa que um objeto é usado para se referir a outra coisa. Portanto, quando um autor ou poeta usa um objeto para se referir a uma ideia completamente diferente, ele está empregando simbolismo.

Explicitado isso, a pesquisadora nos apresenta dois tipos principais de simbolismo: os convencionais e os pessoais. Nos símbolos convencionais (também chamados de culturais ou universais), existe a variante de diferentes contextos culturais, expressando significados totalmente opostos ao que se propõe inicialmente, já que indivíduos com a mesma formação cultural podem interpretar diferentes signos da mesma maneira. Nos símbolos pessoais (também conhecidos como contextuais ou privados), a interpretação muda de autor para autor. Um exemplo disso é sonhar com uma serpente; pode se atribuir algo sinistro vindo de uma serpente e o outro pode interpretar como o deus hindu da proteção (RAHMAN, 2015, p. 12).

Esses conceitos se assemelham bastante à visão de Freud e suas teorias sobre simbolismo, chamados “posição FN (*Freudian Narrow*)” e “posição FB (*Freudian Broad*)”. No primeiro, o psicanalista defende que o uso do termo “símbolo” carrega significados semelhantes e podem ser interpretados ou compreendidos da mesma forma por pessoas que possuem a mesma bagagem cultural. Na posição FB, como no simbolismo pessoal, um mesmo símbolo pode variar seu significado dependendo do contexto em que ele é observado (RAHMAN, 2015, p. 12).

Em síntese, Rahman (2015) explica que o simbolismo é um dispositivo frequentemente usado na narratologia com o intuito de transmitir determinadas mensagens de maneira indireta. Nesse uso, objetos, personagens e ações podem representar diferentes noções, deias ou emoções. Explicitado isso, a autora defende que o uso desse estilo é usado geralmente para fins decorativos e funcionais. O uso simbólico de imagens ou objetivos serve para transmitir algo abstrato, seja ideias ou sentimentos (CHORFI *et al.*, 2018, p. 23).

Focando mais no poema, Rahman (2015) diz que o corvo e o busto de Palas são alguns símbolos importantes a serem notados. Pallas, conhecida como a Deusa da Sabedoria e o pássaro que naquela época era dito como uma criatura mítica que pousou em um busto da deusa e até o fim do poema não saiu daquele local. Interessante notar o eu lírico enquanto homem conversando com o pássaro falante que está em cima da deusa da sabedoria esculpida (RAHMAN; MELHIM, 2013, p. 117).

Contudo, essa não é a única referência mitológica do poema, havendo também a *Night's Plutonian Shore* (Costa Plutôniana da Noite), referindo-se à Plutão, deus

romano do submundo e como este está relacionado com a noite e a costa no poema, seu significado é ampliado para a imensidão misteriosa do breu oceano (RAHMAN, 2015, p. 33). Existem outros símbolos que Rahman (2015) descreve em seu trabalho, mas não são necessariamente uma referência à alguma mitologia.

No tópico acima, apresentamos uma pequena noção do que pode ser entendido como simbolismo e como é importante na literatura, visto que autores podem fazer uso desse estilo para diferentes fins. Posteriormente, apresentaremos conceitos de psicolinguística, um conceito interessante de ser debruçado pois dá ao poema de Poe novas perspectivas.

2.6 Visão psicolinguística do poema

Nesta seção, procuraremos realizar uma aproximação entre a teoria da psicologia e linguística em “O Corvo”, proporcionando uma melhor leitura crítica acerca do poema e seus níveis de entendimento, nos quais podem facilmente mudar após considerar essas teorias. Usaremos como base para construção desse pensamento, principalmente as contribuições de Rahman e Melhim (2013).

Em uma leitura inicial, o leitor pode sentir algo similar a medo ou desconforto. Contudo, a medida em que o poema é lido repetidas vezes, pode-se perceber algumas camadas semânticas que podem ter passado despercebidas em leituras anteriores, ao observar a sequência de eventos presentes na obra (RAHMAN, MELHIM, 2013, p. 113).

Conforme explicitado pelo poeta em *A Filosofia da Composição*, ele buscou desenvolver um efeito de beleza estando relacionado com a melancolia do poema. Poe produziu sua obra de maneira bastante estratégica, até mesmo o refrão “nunca mais”, dito por um pássaro a um jovem que havia perdido sua amante recentemente. Segundo o próprio autor, a situação, o personagem principal e o enredo da trama foram criados com o pretexto de que o refrão “nunca mais” tenha uma variação em seu significado e impacto cada vez que é proferido (KELLMAN, 2006 *apud* RAHMAN; MELHIM, 2013, p. 114).

Ao realizar a leitura desse poema de maneira mais aprofundada, é inegável que o leitor acabe sendo levado para o eu interior de Edgar Allan Poe:

Este poema é sobre a mente de Poe desmoronando depois de perder sua mãe e prestes a perder seu amor. O Corvo não é apenas uma coisa; é uma combinação de vários assuntos na mente de Poe. Pode muito bem ser que "nunca mais" seja a mente de Poe tentando lidar com a mortalidade como um todo, não apenas ele mesmo ou seus entes queridos, que ele nunca os verá novamente. Poe está pelo menos um pouco deprimido e inseguro de sua realidade neste poema, e vamos deixar claro que qualquer coisa que você escrever tem suas características e mostra apenas uma fração de seu estado mental e personalidade. Os sons semelhantes ao longo deste poema podem não ser apenas porque é um poema, mas pela intensidade que ele fornece e aumenta a emoção do poema, nos dando altos e baixos tanto nas emoções quanto no senso de tempo (Chacha, 2011, para.1, *apud* RAHMAN; MELHIM, 2013, p. 117).⁷

⁷ Nossa tradução de: *This poem is about Poe's mind breaking down after losing his mother and on the verge of losing his love. The Raven isn't just one thing; it is a combination of several subjects in Poe's*

A tradição britânica acredita que ter um pássaro preto presente na sua casa poderia significar um presságio para a morte. Poe conhecia essa referência, pois teve parte de sua educação feita na Inglaterra. Quando jovem, o poeta tinha a morte como um tema presente na sua vida, visto que perdeu diversas pessoas, especialmente mulheres. Neste sentido, cumpre notar a denotação negativa atribuída ao corvo como algo exclusivamente europeu. Chevalier e Gheerbrant (2020) dizem, por exemplo, que a especificidade desse aspecto negativo denotado ao corvo não é algo que perpassa outros continentes com tanto afinco. Por quase toda parte do Oriente e do Ocidente o corvo é visto sob uma perspectiva positiva.

O próprio autor fala sobre a escolha do “nunca mais”, falado pelo pássaro:

Estando assim determinado o som do refrão, tornou-se necessário selecionar uma palavra que incorporasse esse som, e ao mesmo tempo, da melhor maneira possível, mantendo aquela melancolia que eu havia predeterminado como tom do poema. Em tal busca, teria sido absolutamente impossível ignorar a frase "Nunca Mais". Na verdade, foi o primeiro que se apresentou (POE, E. A., 1846).⁸

Levando em consideração que Lenore, personagem da obra está morta, é possível entender o corvo como uma referência para a morte (RAHMAN; MELHIM, 2013, p. 117). À medida que a leitura do poema é realizada, pode-se adentrar cada vez mais na psique do narrador, que enfrenta um conflito psicológico interno cada vez que escuta “nunca mais” dito pelo pássaro, visto que a pouco havia perdido sua amada. Palavra essa que na obra não parece ter um significado exato, o que leva ao eu lírico perguntar cada vez mais e acaba levando-o à loucura (RAHMAN; MELHIM, 2013, p. 117).

É interessante aplicar essa visão psicolinguística no poema, pois pode mergulhar nos significados denotativos e figurativos presentes na obra e observar as camadas existentes. A seguir, nos dedicaremos sobre a morte e melancolia na literatura, fazendo ênfase na obra foco deste trabalho.

2.7 A morte e melancolia na obra

Neste tópico, nos debruçaremos de maneira breve sobre os conceitos de morte e melancolia e como estes são apresentados na obra do poeta. Sendo um tema incômodo para a maioria, a morte foi revisada na literatura de maneira sistemática durante anos.

mind. It may very well be that “Nevermore” is Poe’s mind trying to deal with mortality as a whole not just himself or his loved ones, that he will never see them again. Poe’s is at the least slightly depressed and unsure of his reality in this poem, and let’s make it clear that anything you write has your traits and shows if only a fraction of your mind state and personality. The similar sounds throughout this poem may not just be because it is a poem but rather for the intensity it provides and adding to the thrill of the poem, giving us ups and downs in both emotions and sense of time (CHACHA, 2011, para.1 apud RAHMAN, MELHIM, 2013, p. 117).

⁸ Nossa tradução de: *The sound of the refrain being thus determined, it became necessary to select a word embodying this sound, and at the same time in the fullest possible keeping with that melancholy which I had pre-determined as the tone of the poem. In such a search it would have been absolutely impossible to overlook the word “Nevermore.” In fact, it was the very first which presented itself (Poe, E. A., 1846).*

A morte é a única certeza que temos na vida, alguns estudiosos debatem sobre essa temática de maneira distinta, como por exemplo Jones (2002) transmitindo que, fisicamente, a morte é quando todos os órgãos do ser humano param de funcionar, física e mentalmente falando. Keating (2002) define como o momento exato em que o corpo é separado de Deus, não sendo animado por seu espírito, mesmo estando fisicamente vivo. Esse tipo de morte ocorre quando o indivíduo está em completo estado de desespero ou transtorno, devendo-se isso à maneira incompatível entre sua psique (mundo interior) e a sociedade (mundo exterior) (CHORFI *et al.*, 2018, p. 13).

Para Edgar Allan Poe (1846), a morte de uma mulher bonita e o luto por isso formam a temática mais poética do mundo, o autor ainda defende que esse tema é diferente para cada indivíduo. O que reforça o pertencimento de Poe à escola literária romântica. Chorfi *et al.* (2018) transmite a ideia de que o estilo de Poe é pouco comum, ele é excêntrico e também criativo, suas experiências com a morte fazem com que ele crie uma filosofia em suas obras, explorando esse tema a fundo. Fazendo com que nos seus trabalhos, o leitor tome suas próprias escolhas sobre essa temática e se sinta diferentes sentimentos, dentre eles, melancolia (Chorfi *et al.*, 2018, p. 13). Segundo a autora, a melancolia geralmente torna uma pessoa totalmente inconsciente do tempo, estando deprimido, não sabe sobre o dia ou o ano em que está inserido.

Em *A Filosofia da Composição* (1951, p. 368), Poe relaciona morte e melancolia:

Agora, sem nunca perder de vista o objeto supremo, ou perfeição, em todos os pontos, eu me perguntava - “De todos os temas melancólicos, o que, segundo o entendimento universal da humanidade, é o mais melancólico?” Morte - foi a resposta óbvia (POE, 1951, p. 368).⁹

Para o poeta, a melancolia é o tom poético mais legítimo e essa melancolia de forma duradoura era a forma mais elevada de adulação humana. Esse tom é o que dá beleza ao poema, o desenvolvimento dramático presente na conversa entre o narrador e o pássaro, no questionamento e na resposta simplória da ave. O narrador sabe que o corvo não responde com sabedoria, mas desenvolve um desequilíbrio psíquico cada vez que houve o “nunca mais”. Através da intensa tristeza e luto do narrador, a paixão que ele nutre pela sua amada, cria-se no poema uma atmosfera melancólica, visto que não há saída para o eu lírico a não ser aceitar (SWARNAKAR, 2007, p. 36-37).

Assim, pode-se compreender que a temática de morte e melancolia foi estudada pelo autor e colocada na obra de maneira muito bem pensando, contribuindo para a atmosfera que ele queria proporcionar ao leitor. A seguir, falaremos sobre a metodologia deste trabalho.

3 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, visto que esse tipo de pesquisa é feito através de um levantamento de teorias e informações já analisadas e

⁹ Nossa tradução de: *Now, never losing sight of the object supremeness, or perfection, at all points, I asked myself — “Of all melancholy topics, what, according to the universal understanding of mankind, is the most melancholy?” Death — was the obvious reply (POE, 1951, p. 368).*

publicadas em outros trabalhos, seja por meio eletrônico ou escrito (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p. 39).

Também se enquadra como uma pesquisa de cunho qualitativo. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), este tipo de pesquisa visa descrever, compreender e explicar, assim, os resultados dessa pesquisa não necessariamente precisam ser quantificados, visto que não é o foco deste tipo de pesquisa. Os autores argumentam que a não representatividade numérica deste tipo de pesquisa é devido ao seu foco, que é, através da junção de todos os dados e resultados obtidos, explicar o “porquê das coisas”.

Desta forma, o presente trabalho utilizará as abordagens supracitadas para analisar os aspectos psicológicos vivenciados pelo eu lírico no poema, através de uma ótica psicolinguística, considerar os símbolos presentes no texto e como a morte, melancolia e loucura foram desenvolvidos pelo personagem da obra.

A primeiro momento, será feito uma relação entre a psique do personagem principal e como as características da ambientação oriundas do romantismo sombrio e do estilo gótico influem na solidão do personagem. Para isso, usaremos como base os pensamentos de Chorfi *et al.* (2018), Ghada (2011) e Rahman e Melhim (2013).

A seguir, possíveis interpretações sobre os símbolos da obra e a figura do homem louco, com foco no corvo e no busto de Pallas. Levando em consideração como estas podem levar a uma leitura mais aprofundada do poema, visto que a figura de um se trata de uma ave comumente relacionada a morte e outro uma representação esculpida da deusa da sabedoria, tendo como base para isso Poe (1846), Rahman (2015) e Chorfi *et al.* (2018).

Posteriormente, abordaremos a morte e a loucura no poema e através de uma visão psicolinguística, entender pelo que o eu lírico estava passando naquela situação. Sua amada estava morta e um pássaro lúgubre apareceu em sua janela, e através da conversa com o corvo, esmaecer sua sanidade ao perceber que não mais encontrará sua amada, sucumbindo à loucura. Teremos como foco as contribuições de: Lima (2011), Chorfi *et al.* (2008), Poe (1846), Bock (2001), Rahman & Melhim (2013) e Frayze & Pereira (2008).

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Será apresentado, de maneira separada em tópicos, os procedimentos a serem feitos mediante análise planejada no tópico supracitado. Primeiro, falaremos sobre a ambientação e luto presente no poema e como ela influenciou psicologicamente o narrador. Posteriormente, será apresentado a simbologia presente na obra, o uso de símbolos ampliando a visão sobre o poema a partir de novas referências e, por fim, será discutido a morte e a loucura na obra, como a morte influi no estado psicológico do eu lírico.

4.1 O quarto e a solidão do homem em luto

É possível realizar uma análise e interpretação mais aprofundada dos acontecimentos vivenciados pelo eu lírico e seu estado psicológico se dissecarmos a

sequência de eventos que ocorrem no poema, conforme Rahman e Melhim (2013) explicam.

Conforme explicitado pelos autores, “O Corvo” é um poema com dois componentes principais, sendo um, o narrador em estado de luto pelo falecimento de sua amada Lenore, visto logo no início do poema e, em segundo, o corvo, que repentinamente se fez presente no quarto do narrador fazendo com que ele tenha uma sucessão de emoções, como curiosidade e divertimento nos primeiros momentos da conversa, mas que cada vez que um “nunca mais” é proferido, o narrador passa a desenvolver uma espécie de raiva e desespero, está ficando ciente que perdeu Lenore para sempre. A cada “nunca mais” dito pelo corvo, a atmosfera e ritmo do poema vão se intensificando, a cada refrão o narrador se encontra numa tortura psicológica visto que ele “nunca mais” poderá se livrar dessa tristeza trazida pelo pássaro.

Rahman e Melhim (2013) apontam que o cenário físico do poema também precisa ser levado em consideração quando analisamos a psique do narrador, conforme explicado por Chorfi *et al.* (2018), uma das características do estilo gótico são justamente os cenários sombrios cheios de mistério ou sobrenatural, procurando provocar no leitor um sentimento de tristeza e suspense.

O poema já se inicia com uma descrição da ambientação “*Once upon a midnight dreary* (Era uma vez à meia-noite lúgubre)”, Ghada (2011) afirma que o cenário de tristeza é bastante presente no estilo gótico, como o poema já se inicia dessa forma, o leitor sente uma sensação de tristeza ou até mesmo medo e isso vai se intensificando quando a descrição do ambiente e tempo começam a ser realizadas: “[...] *it was in the bleak December* ([...] foi no desolado dezembro)”, o local em que o narrador está situado: “*And the silken, sad uncertain rustling of each purple curtain / Thrilled me—filled me with fantastic terrors never felt before;* (E o farfalhar de seda, triste e incerto de cada cortina roxa / Me emocionou - me encheu de terrores fantásticos nunca antes sentido;) (Linhas 13-14)”.

Detendo-se um pouco mais sobre a ambientação, o movimento e som repentino das cortinas, os móveis, a batida na sua porta à meia noite, vão criando no narrador uma sensação de medo, visto que antes tudo estava regado no mistério do silêncio: “*But the silence was unbroken, and the stillness gave no token* (Mas o silêncio foi ininterrupto, e a quietude não deu sinal)”. Assim, criando uma atmosfera propensa para o visitante, que pousa em uma estátua no quarto do amante.

O rompimento do silêncio e introspecção do eu lírico (que pairava no luto por Lenore) quando o pássaro aparece pode ser entendido como uma esperança para o eu lírico. Levando em consideração que ele estava em um estado comum no romantismo sombrio que, segundo Chorfi *et al.* (2018) é a incapacidade de fazer mudanças para melhorar. A quebra desse estado de lamento e monotonia através das batidas na porta na escuridão provocou inicialmente um medo no personagem: “*Thrilled me—filled me with fantastic terrors never felt before* (Me emocionou - me encheu de terrores fantásticos nunca sentidos antes)”

Em adição, ao levar em consideração os elementos contidos na descrição da ambientação do poema, esse medo vivenciado pelo estudante é justificável. Ouve barulhosa sua porta, mas não consegue enxergar ninguém. Posteriormente, um pássaro negro aparece em seu quarto na meia noite de dezembro logo após a perda de sua amada, essa visita faz com que o personagem tenha um susto, o medo

provocado pela situação e pelo ambiente em que se encontra faz com que o personagem acabe atribuindo valores inexistentes ao pássaro.

Conforme pode ser observado na leitura do poema, a morte de Lenore teve um impacto enorme no eu lírico: perder sua amada o fez decair cada vez mais na solidão. O narrador passa a ler livros sobre histórias esquecidas, essa solidão pode ser observada visto que no poema não há indícios de nenhuma outra personagem, o vazio do quarto expressa a solidão do narrador, que, até o fim do poema, nunca sai desse ambiente, ele não tem mais nenhum amigo: *“Till I scarcely more than muttered ‘Other friends have flown before — / On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before.’* (“Até que eu quase murmurei ‘Outros amigos já voaram antes – / Amanhã ele vai me deixar, como minhas esperanças já voaram antes.’”) (Linhas 58-59)".

Esse estado de solidão ou até mesmo desespero quando vê que está sem ninguém faz parte de uma das características do romantismo sombrio, conforme Chorfi *et al.* (2018) afirma quando relata que o homem não tem capacidade de como compreender que é possível realizar mudanças para melhorar seu estado de espírito. O homem passa a perder o controle da razão ao perceber que não há uma resposta completa do pássaro: *“But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only / That one word, as if his soul in that one word he did outpour.”* (“O Corvo, sentado sozinho no busto plácido, falou apenas aquela palavra, como se sua alma naquela única palavra que ele derramasse.”) (Linhas 54-55)". Percebendo que provavelmente viverá sozinho para o resto de sua vida, o estado de solidão, luto e até mesmo depressão pode levar o homem à loucura.

4.2 Simbologia presente em O Corvo e o homem louco

Neste tópico será abordada a maneira como alguns símbolos foram usados no poema para criar um tom mais gótico e melancólico para a obra, contribuindo para causar o efeito que Poe queria produzir, visto que, conforme afirma Chorfi *et al.* (2018), o uso simbólico de imagens ou objetos serve para transmitir algo abstrato, sendo elas ideais ou sentimentos.

A seguir, será feita uma explicitação dos principais símbolos presentes na obra: Lenore, o próprio corvo, Costa Plutoniana da Noite, nepente, o busto de Palas, meia-noite e o próprio mês de dezembro e sobre a figura do louco.

Edgar Allan Poe (1846) acreditava que a beleza em si estava totalmente interligada com a tristeza eterna, a tristeza pode ser vista em “O corvo”, através da morte da bela mulher, Lenore. A morte dela deixou o eu lírico em profundo estado de melancolia, sente imensa saudade de sua amada e no fundo sabe que não mais poderá vê-la. Tentando esquivar desse tormento, o narrador faz uso da “Nepente”, uma planta que alivia a melancolia, isto porque causa um esquecimento em que a ingere¹⁰:

“Respite—respite and Nepenthe from thy memories of Lenore;

¹⁰ Mencionada na literatura grega antiga e na mitologia grega. Fonte: < <https://educalingo.com/pt/dic-en/nepenthe>>. Acesso em 15 de abr. de 2021

Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!"

(Trégua - trégua e Esqueça das tuas memórias de Lenore;

Beba, oh beba essa amável nepente e esqueça essa Lenore perdida!) (Linhas 82-83).

A nepente simboliza justamente a busca do narrador pelo fim de sua agonia, de sua dor e sofrimento em detrimento à perda de sua amada, com o esquecer de sua morte, sua tormenta acabaria e ele não mais se encontraria no estado depressivo que se encontra, poderia remeter à vontade de suicídio por parte de alguém que está acometido de uma depressão profunda ou de uma extrema melancolia.

Sendo constante a memória de luto do eu lírico por Lenore, ele passa a relembrar mais sobre sua amada. A falta de detalhes e informações sobre a mulher é o que a torna interessante, não há caracterização ou explicação da relação dela com o narrador. Ele apenas sente falta dela. Lenore é um nome com origem grega que significa luz.¹¹ A partir disso, essa mulher passa a simbolizar o amor ideal, a beleza ou até mesmo a luz da esperança para o eu lírico no poema - que se encontra prostrado em uma nuvem escura, a bile negra, a melancolia - sua crença que se encontrar a amada de que tudo pode melhorar. Ela simboliza o céu, sendo até mesmo mencionada por anjos:

"Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,

It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—

Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore."

(Diga a esta alma com pesar carregado se, dentro do Aidenn distante,

Deve abraçar uma donzela santificada a quem os anjos chamam de Lenore -

Segure uma donzela rara e radiante a quem os anjos chamam de Lenore.") (Linhas: 93-95).

No poema é feita uma descrição angelical para esta personagem, o narrador não deixa de pensar nela em momento algum. Embora sutilmente, o receio de não a encontrar mais e a figura do pássaro funéreo acaba assombrando o narrador, que posteriormente acaba percebendo que não ficará com ela no paraíso, embora que neste recorte específico ele sonhe com isso.

O corvo é o símbolo mais explícito do poema, é o personagem que mais transmite o tom gótico e melancólico da obra. Toma a atenção do leitor e do narrador assim que entra no quarto, como é um pássaro preto, sua escuridão simboliza a morte; a morte sendo uma tormenta para o narrador:

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,

By the grave and stern decorum of the countenance it wore,

"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said, "art sure no craven,

Ghastly grim and ancient raven wandering from the Nightly shore—

Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"

¹¹ Fonte: <<https://www.whatisthemeaningofname.com/what-is-the-meaning-of-the-name-lenore-23324/>>. Acessado em: 02 de abr. de 2021

Quoth the raven "Nevermore" (Linhas 43-48).¹²

A constante resposta idêntica dita pelo pássaro faz com que o narrador acabe tendo diversas interpretações, conforme Poe (1846) queria fazer em sua obra, embora não se saiba se o narrador de fato viu o pássaro ou estava sonhando, levando em consideração que o mesmo estava quase dormindo.

Mencionado na citação anterior, a *Night's Plutonian shore!* "Costa Plutoniana da noite" também é um símbolo notável. Conforme dito por Rahman (2015), a palavra "Plutônio" é uma referência a Plutão, deus romano das riquezas e do submundo. A pesquisadora diz ainda que, que na mitologia romana, esse deus servia como morada para os mortos. Porém, na mitologia grega esse deus é conhecido como Hades. Interessante mencionar a mitologia grega pois a "Costa Plutoniana" pode também se referir ao rio Styx, um rio que formava uma espécie de fronteira entre a terra e o submundo, onde os mortos teriam que atravessá-lo.¹³

A costa plutoniana da noite é mencionada duas vezes no poema, inicialmente é dito com um tom irônico, como se o pássaro realmente viesse dessa fronteira entre os mundos. No final, o estudante está convencido que o pássaro é, na verdade, um mensageiro da morte. Essa que não é como ele vislumbra sendo um encontro com Lenore, mas apenas escuridão e desespero.

Ainda pautado sobre mitologia, outro símbolo rentável de explicitar é o busto de Palas. Palas Atena é uma das principais divindades do panteão grego, que faz parte dos doze deuses olímpicos. Ela é deusa da justiça (além de estratégia em batalha, artes justiça e habilidade). O pássaro empoleira-se sobre ela:

"Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door:

Perched, and sat, and nothing more."

(Empoleirado sobre um busto de Palas logo acima da porta do meu quarto:

Empoleirado, sentado e nada mais.) (Linhas 41-42).

O ato de a ave pousar sobre o busto da deusa pode indicar atração que este sente pela sabedoria. Ela empoleira-se sobre a imagem de Atena e o narrador inicialmente acaba ligando esses pontos e atribuindo sabedoria ao pássaro, razão pela qual se enfurece ao receber as repetidas respostas do corvo.

O próximo símbolo a ser mencionado é a meia-noite. Não escolhida aleatoriamente por Poe, é a parte mais escura da noite, também é tradicionalmente conhecida como a hora das bruxas. Momento ideal para a chegada do pássaro sombrio, contribuindo para a atmosfera gótica do poema: *"Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary"* (Era uma vez à meia-noite lúgubre, enquanto eu ponderava, fraco e fatigado) (Linha 1).

Por último, o próprio mês de dezembro pode ter um significado simbólico no poema, dezembro é o mês do inverno, nada vive ou sobrevive no inverno, no poema:

¹² Nossa tradução de: Então este pássaro do ébano induzindo minha triste fantasia a sorrir, Pelo grave e severo decoro do semblante que exhibia, "Embora a tua crista seja tosquiada e raspada, tu", disse eu, "não és covarde, Corvo horrível e antigo vagando pela costa noturna – Diga-me qual é o teu nome senhorial na Costa Plutoniana da Noite! " Disse o corvo "Nunca mais". (Linhas 43-48)

¹³ Fonte: < <https://www.owleyes.org/text/raven/analysis/allusion>>. Acessado em 03 de abr. de 2021

“*Ah, distinctly I remember it was in the bleak December*” (Ah, distintamente, lembro-me de que foi no desolado dezembro) (Linha 1).

Assim, o mês de dezembro também conflui no campo semântico da morte, assim como o corvo, meia-noite e a *Night's Plutonian Shore*. As análises desses símbolos foram realizadas através da teoria de Chorfi *et al.* (2018) sobre o uso de símbolos para expressar ideais abstratas e Rahman (2015), sobre os símbolos convencionais e pessoais, passando algumas mensagens de maneira indireta.

O locutor do poema aparenta ter um controle mental não muito forte, além de conversar e dar sabedoria a um pássaro que só fala uma palavra/frase, ele fala muito sobre pesadelos selvagens, certos odores e sua alma entrando em combustão. O desequilíbrio mental do narrador começa a ser visto quando ele diz: “*Back into the chamber turning, all my soul within me burning* (De volta à câmara girando, toda a minha alma queimando dentro de mim)”. Embora antes ele estivesse com uma sensação inquietante sobre uma possível visita à meia-noite, nada havia de fato acontecido.

Mais alguns indícios da perda da lucidez e racionalidade é mostrada mais adiante no poema da seguinte forma: “*To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom's core*”; (Para a ave cujos olhos de fogo agora ardiem no âmago do meu seio;).” Apesar do sobrenatural ser comum no estilo gótico e no romantismo sombrio, isso não é perceptível na ave, que é como um pássaro comum, ele nada mais fez do que pousou e repetiu a mesma resposta diversas vezes. O estado psicológico do personagem aparenta ter chegado no limite quando ele começa a gritar com o pássaro: “*Be that word our sign in parting, bird or fiend!*” *I shrieked, upstarting* (“Seja essa palavra nosso signo na despedida, pássaro ou demônio!” Eu gritei, arrogante).

O homem então finaliza o poema: “*And my soul from out that shadow that lies floating on the floor / Shall be lifted – nevermore!* (E minha alma de fora daquela sombra que jaz flutuando no chão / Será levantado – nunca mais!) (Linhas 107-108)”. O personagem chegou ao delírio gritando com um pássaro que respondia apenas uma frase durante toda a obra. O personagem atribuiu ao pássaro alguns elementos sobrenaturais e mitológicos não havendo indícios de que esses realmente procedem, nem mesmo a aparição do pássaro pode ser lida como totalmente factual, visto o estado físico e mental do personagem: sonolento, fazendo uso de nepente, chorando pela amada. Ele se rendeu à insanidade e passou a gritar, sonhar e desejar coisas que podem ou não ser reais, como o próprio pássaro, sua alma queimando e o reencontro com Lenore.

4.3 Morte e loucura

No ensaio *A filosofia da composição*, é mostrado todos os passos que Poe escolheu para a criação do poema e como todos os aspectos foram utilizados propositalmente para um ambiente gótico e melancólico, assim escolhendo a morte (SWARNAKAR, 2007, p. 36-37). O narrador é descrito pelo escritor como um homem fraco e cansado, em que numa noite fria de dezembro só queria ler um livro para esquecer sua amante, mas foi surpreendido por um visitante incomum. O homem entra em um certo estado pânico, mas consegue se acalmar, sua mente está vulnerável devido a morte de sua amada: “*Tis some visitor,*” *I muttered, ‘tapping at my*

chamber door / Only this and nothing more.” (É algum visitante “, murmurei,” batendo na porta do meu quarto Só isso e nada mais.) (Linhas 5-6).

É interessante aplicar uma visão psicolinguística no poema, conforme afirmam Rahman e Melhim (2013). É possível realizar uma espécie de uma relação entre o poema e a própria vida do autor, visto que qualquer coisa escrita carrega características do seu criador, o poema foi feito após Poe ter perdido a sua mãe e estando prestes a perder sua mulher, conforme foi explicitado por ChaCha (2011, para.1, *apud* RAHMAN; MELHIM, 2013, p. 117). A morte sempre esteve presente na vida do autor, perdeu diversas pessoas, sobretudo mulheres a quem era próximo a ele, a morte de Lenore e o estado que o narrador ficou são referências ao estado que Poe também estava.

Detendo-se ao estado psicológico do narrador, após a morte de sua amada, ele encontra-se inconsciente, tendo contínuos *flashbacks* sobre seu passado com Lenore, para tentar esquecer a agonia em que se encontrava. No momento em que o pássaro entra no quarto e empoleira-se no busto de Palas, o narrador acredita que o pássaro seja um profeta que poderá dizer onde sua querida está.

Infelizmente, o corvo apenas responde “nunca mais”, curioso, o estudante passa a fazer cada vez mais perguntas para o pássaro, este que não diz nenhuma outra palavra além dessa. Desesperado, o narrador questiona se encontrada sua namorada novamente, mesmo que no paraíso e o corvo mais uma vez responde apenas “nunca mais”:

*“Prophet!” said I, “thing of evil! — prophet still, if bird or devil!
By that Heaven that bends above us—by that God we both adore—
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore’.
Quoth the Raven, “Nevermore”* (Linhas 91-96).¹⁴

A partir dessa resposta, o narrador entende que a morte simboliza o fim, ele nunca mais encontrará sua amada. Escolhida propositalmente por Poe, “nunca mais” ajuda a criar um tom de tristeza, melancolia e à medida que é proferida pelo pássaro, faz com que o eu lírico fique cada vez mais e acaba levando-o à loucura (RAHMAN; MELHIM, 2013, p. 117). Isso porque nas primeiras estrofes do poema, em uma noite fria de dezembro, o narrador encontra-se cansado e abatido, sem conseguir dormir, pois estava ponderando sobre a morte do seu amor, é interrompido por batidas à sua porta e acena com a cabeça; porém, ele diz a si mesmo que pode ser apenas um visitante e “nada mais”. Um pássaro adentra em seu quarto e pousa numa estatua da deusa da sabedoria.

¹⁴ Nossa tradução de: “Profeta!” Disse eu, ‘coisa do mal! – ainda que profeta, se é pássaro ou demônio!

Por aquele Céu que se curva acima de nós – por aquele Deus que ambos adoramos –
Diga a esta alma com o pesar carregado se, dentro do Éden distante,
Deverá abraçar uma donzela santificada a quem os anjos chamam de Lenore –
Abraçar uma donzela rara e radiante a quem os anjos chamam de Lenore’.
Disse o corvo “Nunca mais” (Linhas 91-96).

Nos primeiros diálogos do narrador com o pássaro, é possível ver uma certa inocência nas perguntas do narrador, pergunta o nome, se o deixará amanhã como os seus amigos, mas a única resposta do corvo é “nunca mais”. Então, o narrador pergunta se encontrará Lenore novamente, mais uma vez respondido com “nunca mais”. Sua psique começa a ficar instável, começa a expressar medo e dúvida: “*Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before*” (Duvidando, sonhando com sonhos que nenhum mortal jamais ousou sonhar antes) (Linha 26).

Ele até mesmo clama para que nepente o ajude a esquecer Lenore, mas o corvo diz que ele “nunca mais” irá esquecê-la. A frase dita quase de maneira obsessiva vai se tornando cada vez mais constante e o estado emocional do eu lírico cresce num ritmo acelerado, antes estava confuso e solitário, agora, horrorizado, devastado, e acabou perdendo a lucidez e a racionalidade, fazendo uma comparação da ave “*And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming*” (E seus olhos têm toda a aparência de um demônio que está sonhando” (Linha 105).

Desta forma, no início do poema o estudante está deprimido, após a chegada do visitante, no fundo de sua psique, ele acaba nutrindo uma esperança de que haverá uma outra vida e que ele encontrará Lenore. Interessante destacar que as palavras finais das estrofes são: “nada mais”, “para sempre” e “nunca mais”.

Inicialmente, não dá tanta atenção ao passado, depois percebe que estará “para sempre” em tormenta e que “nunca mais” poderá se livrar disso. Assim é o fim do poema, o narrador sucumbe ao seu estado de melancolia, percebe que estará para sempre com essa tristeza eterna e encara seu destino.

A perspectiva freudiana retrata que o que permite acesso do psicanalista ao inconsciente é justamente a palavra e o que ela significa para o paciente, a sucessão de “nunca mais” dito pelo pássaro provoca gatilhos inconscientes no narrador, ele entende não que inconscientemente não mais verá sua amada, mas, mesmo assim, não consegue articular com a lógica ou reestabelecer seu raciocínio. O narrador se enfureceu tanto com as respostas do pássaro que perdeu a consciência, ele apenas queria se libertar da tormenta que é aceitar que nunca mais verá Lenore, sua razão começa a desmoronar, visto que ele desesperadamente busca uma resposta diferente da ave, obcecado pelo encontro com sua amada.

A psicanálise e literatura têm caminhado lado a lado, possibilitando novas perspectivas, referências e aprofundamento do processo de criação de uma obra, conforme defendido por Lima (2011). O narrador sucumbiu à loucura, conforme uma das definições feitas por Frayze e Pereira (2008), a perda do controle da realidade pessoal e da consciência do próprio eu. Além disso, é um estado de fuga da realidade para um estado subjetivo, o estudante queria apenas saber se iria encontrar sua amada, não queria aceitar sua morte, afinal, morte é nada mais que apenas o fim de uma vida.

Assim, a memória do narrador pela amada só o faz sofrer mais, a perda de Lenore o afetou drasticamente, motivo pelo qual lê livros e faz uso de drogas para tentar esquecer. O corvo derrubou a razão do estudante, que no fim do poema, sucumbiu à loucura:

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting

On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;

And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,

*And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted — nevermore!* (Linhas 103-108) ¹⁵

A morte de Lenore, somado com a ambientação do quarto e o que o corvo representa culminaram em um lapso do controle mental do narrador. Não há indícios, na obra, de que comprovem que o corvo realmente existiu ou se foi a imaginação do estudante que acabou criando a ave, devido ao seu estado de solidão e luto. O sentimento de pesar e tristeza do personagem é levado ao extremo, Poe faz uso do romantismo e proporciona emoções intensas no eu lírico, pois a morte de sua amada não pode ser revertida e ele não mais estará junto dela.

A ambientação do quarto e o uso de elementos góticos e simbólicos também contribuem para a melancolia do narrador. Conforme explicitado anteriormente, se passa numa meia noite de dezembro, em um quarto escuro onde não há mais ninguém, começa a ler para tentar se distrair do peso que é pensar no falecimento de sua amada e acaba ouvindo barulhos, um pássaro negro que só fala uma frase pousa sobre a representação da deusa da sabedoria e faz uso de drogas para esquecer sua amada.

Consumando, Poe parece ter utilizado os símbolos e seus significados para ampliar a visão do leitor e dar uma camada de profundidade no poema, fez o uso de elementos góticos e do romantismo para demonstrar a intensidade de sentimentos que o narrador estava passando e, através disso, mostrou o conflito do narrador em encarar a realidade de que nunca mais encontrará sua amada, tornando-se louco e atribuindo visões sobrenaturais sobre o corvo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que os objetivos deste trabalho foram alcançados, uma vez que buscou-se compreender os símbolos presentes no poema O Corvo, de Edgar Allan Poe. Assim como foi realizada uma análise dos elementos góticos inseridos na obra e como o luto pela sua amada acabou levando-o à loucura. Assim, foi possível observar que os símbolos usados não foram colocados de maneira avulsa, todos estavam relacionados com morte, loucura e melancolia.

Ao se analisarem os símbolos, podemos observar que a combinação do corvo e significado dele estar empoleirado no busto de Palas, conhecida como deusa da sabedoria, é o que piora o estado do estudante que estava em pleno estado de luto e solidão. Assim, o corvo é o animal ideal para representar as causas emocionais e psicológicas da dor, devido a sua coloração, ele contribui para aura de mistério e às emoções negativas relacionadas ao luto.

¹⁵ Nossa tradução de: E o Corvo, nunca esvoaçado, ainda está sentado, ainda está sentado
No busto pálido de Pallas logo acima da porta do meu quarto;
E seus olhos têm toda a aparência de um demônio que está sonhando,
E a luz da lâmpada sobre ele fluindo, joga sua sombra no chão;
E minha alma de fora daquela sombra que jaz flutuando no chão
Será libertada – nunca mais! (Linhas 103-108)

Através de uma ótica psicolinguística, o leitor é capaz de explorar as camadas profundas e figurativas dos significados contidos nos versos do poema. É possível adentrar na psique do narrador, este que tem uma relação com o autor, as vivências do autor são similares ao vivido pelo personagem no poema e, quanto mais se sabe sobre a vida do autor, mais interpretações podem surgir ao ler sua obra.

Apesar de que não se possa dizer com certeza se existe de fato uma relação autobiográfica entre Edgar Allan Poe e este poema, o poeta de fato havia perdido sua esposa, o luto vivenciado pelo personagem da obra pode estar relacionado com a morte de Virgínia (sua esposa) e a luta do autor em encarar a realidade de que nunca mais encontrará sua amada.

O poema como um todo induz ao leitor o pensamento de que o personagem sucumbiu à loucura, seu descontrole emocional quando encara o pássaro e começa gradativamente a ir se alterando, passa a atribuir ao pássaro valores sobrenaturais que não são explícitos no mesmo, mesmo que essa sugestão ao sobrenatural seja comum no estilo gótico, o personagem não consegue encarar a realidade de que nunca mais terá seu amor de volta. Absolutamente ninguém vive para sempre, que “nunca mais” veremos a pessoa querida após sua morte, ela ficará apenas em nossas lembranças.

A narrativa do poema é rica mitologicamente, é possível perceber o estudo feito por Poe para criar uma obra repleta de referências criando uma atmosfera de mistério. Para isso, também são usados elementos do estilo gótico e do romantismo sombrio, como cenário descrito de forma sombria e solitária, além da perplexidade do narrador sobre fenômenos inexplicáveis e metafísicos, como o atribuir sabedoria divina a uma ave que o visitou à meia noite de uma noite de dezembro.

Concluindo, através desta pesquisa, é possível realizar novas possibilidades de estudo sobre a obra, com outras visões sobre a simbologia e seus significados. Sendo possível relacionar com outras obras do autor que também seguem na órbita de morte, personagem levado à loucura e luto por uma jovem amada, abre-se uma janela para novos estudos e descobertas.

REFERENCIAS

ABU-MELHIM, Abdel-Rahman. Explicating Poe's Raven From a Psycho-Linguistic Perspective. **Studies in Literature and Language**, Canadá, n. 3, v. 7, dez. 2013, p. 113-118.

Analysis and Symbolism in The Raven by Edgar Allan Poe. Documento eletrônico. Disponível em: <<https://www.brighthubeducation.com/homework-help-literature/49960-symbolism-in-the-raven/>>. Acesso em 05 abr. 2021.

BARATA JÚNIOR, Carlos Roberto Rodrigues. **Memória atávica: a estética da loucura em Mário Quintana**. Natal, 2017. 230 p. – Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999. 117 p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 34. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2020.

CHORFI, Mohamed Alaaedine *et al.* **Deah in Edgar Allan Poe's poem The Raven and Annabel Lee**. Ouargla, 2018, 48 p. – Tese (Doutorado em Literatura Anglo-Saxônica). Universidade de Ouargla, Faculdade de Letras e Línguas.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Glossary of names. Documento eletrônico. Disponível em: <https://is.muni.cz/th/dndut/Glossary_of_Names.pdf>. Acesso em 06 abr. 2021.

In "The Raven," how does the speaker's state of mind change as the poem progresses and what is its cause? Documento eletrônico. Disponível em: <<https://www.enotes.com/homework-help/raven-how-speakers-state-mind-change-poem-306625>>. Acesso em 06 abr. 2021.

Is there any evidence suggesting the speaker is going mad? Documento eletrônico. Disponível em: <<https://www.enotes.com/homework-help/there-any-evidence-suggesting-speaker-going-mad-306105>>. Acesso em 06 abr. 2021.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao Inconsciente. In: JUNG, Carl G.[et al.] **O Homen e Seus Símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro. HarperCollins Brasil, 2016.

Lima, Odair José da Silva. **A sátira da loucura em Poe e Machado: "The system of Dr. Tarr and Professor Fether e "O alienista"**. Guarabira, 2011, 22 p. TCC – UEPB, Departamento de Letras e Educação.

MOHAMMED, Ghada A. The Gothic Elements in Edgar Allan Poe's "The Raven". **Buhuth Mustaqbaliya Scientific Periodical Journal**, n. 4, v. 4, mar. 2011, p. 19-37.

POE, E.A. **The philosophy of composition**. In: Matthews, Brander, ed. (1852–1929). *The Oxford Book of American Essays*. 1914.

RAHMAN, Shegufta. **Significance of symbolism in Edgar Allan Poe's selected works**. Daca, 2015, 43 p. – TCC (Bacharel em Artes em Inglês). Universidade de BRAC, Departamento de Inglês e Humanidades.

SIMÕES, R. B. S. Psicanálise e Literatura – O texto como sintoma. **Analytica**. São João de-Rei, n.11, v. 6, jul/dez. 2017, p. 159-179.

SIMS, Zakiya. **Insanity in "The Raven"**. Documento eletrônico. Disponível em: <<https://seedsandfruitsessays.wordpress.com/2016/12/16/insanity-in-the-raven/>>. Acesso em 08 abr. 2021.

SWARNAKAR, Sudha. Representation of Death in Edgar Allan Poe and Emily Dickinson. **A Cor das Letras**, Bahia, n. 1, v. 8, 2017, p. 29-42.

The Raven. Documento eletrônico. Disponível em: <<https://rpo.library.utoronto.ca/poems/raven>>. Acesso em 01 abr. 2021.

The Raven Madness. Documento eletrônico. Disponível em: <<https://www.shmoop.com/study-guides/poetry/the-raven/themes/madness>>. Acesso em 05 abr. 2021.

ZAISER, Yvonne. **The representation of mental illness exhibited in selected works by Edgar Allan Poe**. Viena, 2017, 95 p. – Tese (Doutorado em filosofia). Universidade de Viena, Faculdade de Estudos Filológicos e Culturais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e meus irmãos que me ajudaram em momentos inenarráveis, sempre me incentivando, dando suporte e respeitando meus momentos e limites.

Aos meus amigos de turma, que se tornaram uma família para mim. Nunca me deixaram desanimar ou desistir, sempre me apoiaram e estarão sempre comigo em meu coração.

Aos meus amigos de fora da academia, Maria da Guia, Leiliane Thaís, Gabriely Fragoso e Yury Lopes que sempre se fizeram presentes na minha trajetória. Vocês sempre me fizeram crer na força que, por vezes, eu mesmo não acreditava que tinha. Nos momentos mais tensos da minha graduação vocês me fizeram sorrir.

Aos meus professores da graduação, que sempre acreditaram na minha capacidade e me instruíram da melhor maneira que puderam.

À Rossana que sempre me ouviu reclamar de maneira interminável e quase obsessiva sobre como essa pesquisa estava, na verdade, me enlouquecendo. Sempre me apoiando e acreditando que eu daria conta de tudo.

Ao meu orientador Prof. Me. Thiago Almeida que me auxiliou no desenvolvimento do trabalho e se dispôs a me ajudar, mesmo desenvolvendo outras atividades tão importantes quanto.

A todos vocês, gratidão.